

ASCENSE, CAPITAL E RELAÇÕES DE TRABALHO NO SÉCULO XXI: IMAGENS, VERTIGENS E PERSPECTIVAS NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

ASCETICISM, CAPITAL AND LABOR RELATIONS IN THE 21ST CENTURY: IMAGES, VERTICES AND PERSPECTIVES AT THE SHOW'S SOCIETY

Cláudio Ribeiro Lopes*

SUMÁRIO: 1 Introdução. 2 O tipo ideal ascético. 3 Capitalismo e Globalização: a ascese atualizando-se. 4 Uma nova ascese (?) 5 Conclusões. Referências.

RESUMO: Neste artigo apresentam-se pontos de contato que buscam delinear como a ascese descrita por Weber não apenas atuou nos séculos antecedentes a fim de possibilitar o surgimento de um novo modelo de regime produtivo (e de trabalho, portanto), mas, como ela, ainda em pleno Século XXI tem se revelado como um forte instrumento de suporte desse modelo, atualizando-se para permitir um renovar do desencantamento do mundo e uma perspectiva de transcendência histórica e socioeconômica que suporta as relações sociais de trabalho no novo milênio. A pesquisa se justifica a partir da ideia conceitual de que as relações sociais laborais guardam efetivo comprometimento com o modelo de regime de produção proposto, expropriação e exploração da mão-de-obra desde o incremento do modelo capitalista e suas modernas versões. Empregou-se o método dedutivo que proporcionou como resultados identificar que a ascese weberiana não apenas sobreviveu ao longo do tempo, como, atualizou-se para incrementar as novas revoluções produtivas nos séculos XX e XXI.

Palavras-chave: relações sociais de trabalho. ascese. capitalismo. globalização. revoluções industriais.

ABSTRACT: *In this article contact points are presented that seek to outline how the asceticism described by Weber not only acted in the previous centuries in order to enable the emergence of a new model of productive regime (and work, therefore), but, like it, still in the middle of the 21st century, has revealed itself as a strong instrument to support this model, updating itself to allow a renewal of the disenchantment of the world and a perspective of historical and socioeconomic transcendence that supports the social relations of work in the new millennium. The research is justified based on the conceptual idea that social labor relations maintain an effective commitment to the proposed production regime model, expropriation and exploitation of labor since the increase of the capitalist model and its modern versions. The deductive method was used, which provided*

* Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFF (2014), Mestre em Direito pela UEM (2007), graduado em Direito pelo Centro Universitário Toledo de Presidente Prudente/SP (1990). Autor da obra “Delinquência ambiental: os limites do Direito Penal”, publicada em 2014.

Artigo recebido em 20/02/2020 e aceito em 08/01/2021.

Como citar: LOPES, Cláudio Ribeiro. Ascese, capital e relações de trabalho no século XXI: imagens, vertigens e perspectivas na sociedade do espetáculo. **Revista de Estudos Jurídicos UNESP**, Franca, ano 24, n. 39, p. 77-92. jan./jun. 2020. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/estudosjuridicosunesp/issue/archive>.

the results to identify that the Weberian asceticism not only survived over time, but was updated to increase the new productive revolutions in the 20th and 21st centuries.

Keywords: *social work relations. ascese. capitalism. globalization. industrial revolutions.*

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é correlacionar o tipo ideal de ascese, descrito por Max Weber, com os conceitos de vocação, chamado, desencantamento do mundo e propor de que forma ela se atualizou no sentido de dirigir e assegurar um modelo de produção ainda sustentado no Ocidente, que se alastra pelo mundo e que parece ganhar novos rumos a partir do incremento do fenômeno Globalização, em especial nesse primeiro quarto do Século XXI que tem sido impactado pela chamada quarta revolução industrial.

Nessa perspectiva se apontam desde o modelo produtivo capitalista, as formas como se deu o seu incremento, segundo Weber descreve e sua atualização para fins de assegurar a manutenção capitalista do regime de produção e exploração de mão-de-obra o sentido de assegurar que a Globalização e as últimas revoluções industriais atuassem de forma a solidificar o modelo de produção.

1 O TIPO IDEAL ASCÉTICO

É preciso apontar o que se pode entender por ascese enquanto um tipo ideal: trata-se, na descrição weberiana, de um modo de vida, um conjunto de ações e omissões que traduz a conduta humana não meramente individual, antes, coletiva e que se espalhou a partir do Século XVI, na América e por toda a Europa, com especial ênfase na Inglaterra, vivenciada, principalmente, pelas seitas protestantes herdeiras da Reforma (puritanos, metodistas, batistas, calvinistas etc.) e que adotaram uma postura condizente com o desapego do prazer, com o afastamento de todo e qualquer sinal, sacramento ou mácula que acenasse para a possibilidade da salvação mediante intervenções mágicas.

Nesse sentido, segundo o referido autor, ganha força a expressão “desencantamento do mundo”, experimentada pela religião enquanto “[...] um longo processo histórico-cultural que envolve ideias, instituições e interesses” (SCHLUCHTER, 2014, p. 33), capaz de criar um movimento sólido de racionalização religiosa que atinge seu auge

com o protestantismo ascético (SCHLUCHTER, p. 38) e que culmina por eliminar, completamente, toda forma de magia ou superstição.

Nessa perspectiva, não se identifica um comportamento recluso, mas, algo para além disso, que extrapola a concepção monástica, impondo-se como uma conduta regulada de vida pelos próprios ascetas, intramundana, no sentido de ser algo vivenciado no e para o mundo e capaz de notabilizá-los em meio à sociedade enquanto grupo.

Assim, a visibilidade do ascetismo religioso era evidente e explícita, hábil a transformar-se na força motriz de um modo de vida muito específico e, paradoxalmente, com uma capacidade de abrangência coletiva, capaz de conduzi-los durante todo o processo de vivência no mundo com vistas à salvação, esta última, procrastinada para tempos vindouros. Nesse sentido, a certeza da salvação, pela fé, necessitava de algo muito concreto para se firmar. Não há, nesse contexto ascético-religioso, nenhum santo, profeta, mago, líder espiritual, ou seja, um ser carismático que possa oferecer a redenção; parte-se da ideia paulina de que a salvação deve ser desenvolvida, com temor e tremor.

Nessa trilha do contexto religioso calvinista, principalmente, a salvação da alma humana não vem das obras; opera-se mediante a fé. E, numa perspectiva mais ortodoxa, que acolhe a doutrina da predestinação, nada há que o ser humano possa fazer para tornar-se merecedor desse prêmio absoluto-final procrastinado ao longo de toda a vida. Logo, todo o processo ético-religioso que conduz a uma vida absorta pela frugalidade, resulta de uma necessidade do comportamento ascético atuar como agente revelador da eleição para a salvação, nunca de uma tentativa de se redimir.

Daí não se falar mais em magia na religião que dera origem à ascese, antes, em racionalização da mesma, levando-a a uma condição capaz de gerar uma ética própria que nega e renega como maldição qualquer tentativa de retorno ao mundo da magia como feitiço, ignomínia perante Deus, por se referir “a vontade de subordinar os deuses, o oposto do proposto pela religião eticizada” (PIERUCCI, 2013, p. 74).

Os insondáveis mistérios de Deus, assim, para o “protestante” (esta expressão tinha uma conotação bastante declaratória da real condição daqueles convertidos) não representavam sentido algum; eram, na verdade, a pedra-de-toque que impulsionava o ascetismo religioso, vez que, tendo Deus, já, eleito desde os fundamentos do Mundo e separado os salvos dos não-salvos, incumbia àqueles que efetivamente aguardassem a plenitude da salvação demonstrar, diuturnamente, com sua vida o espírito que os

governava (eis, aqui, a essência da ascese religiosa: a salvação deve ser aguardada, entretanto, vivida diariamente como exercício prático da fé, uma fé operativa – com obras que se destinam a demonstrar a condição de eleito por Deus e não de alguém que tenta se redimir).

Não por outro motivo é possível se estabelecer relações intrínsecas entre as éticas religiosas puritana, calvinista e de outras seitas, como os pietistas, metodistas, anabatistas, batistas, quackers (WEBER, 2010, p. 78) e os modelos que regerão os povos que receberam suas influências, com especial ênfase no Ocidente.

Já que não há nada sobrenatural que ao ser humano incumba (daí a expressão desmagificação – ou, desencantamento – do mundo), não se crendo numa forma mitigada de ética religiosa que possibilite a redenção, ou seja, segundo Weber, “[...] nenhuma crença nos efeitos de forças de salvação mágicas ou sacramentais [...]” (WEBER, 2010, p. 58), deixa de ter primazia a busca por um sentido e passa a ocupar lugar de destaque a ideia de uma conduta de vida disciplinada, regrada, coalizante, dotada de pragmatismo, que não é imposta, mas, que surge da própria condição existencial – e com ela se confunde – dos protestantes: a ascese religiosa intramundana – “[...] a ideia da necessidade de se provar a fé de cada um, na atividade secular” (WEBER, 2010, p. 66), fundada numa fé que “[...] tinha de ser provada por seus resultados objetivos, a fim de proporcionar uma base segura para a *certitudo salutis*” (WEBER, 2010, p. 62), dando “[...] ao cristianismo em geral uma tendência para o ativismo” (SCHLUCHTER, 2011, p. 249) e que se opõe à mística, cuja essência está na fuga do mundo (WEBER, 2013, p. 509).

Essa ascese, cujo processo de formação destaca ter se dado ao longo de “[...] um grande processo histórico-religioso da eliminação da magia do mundo [...]” (WEBER, 2010, p. 58) para firmar-se, atualizou-se, dando origem à ascese laica, sem que a religiosa desaparecesse.

Aquilo que originariamente fora concebido como uma necessidade de operar para apresentar-se como um sacerdócio pleno de todos os santos (santos como separados do e para o mundo), isto é, aquela conduta de vida pragmatizada, que afastava todo gozo, desperdício, principalmente de tempo e que era visto como “[...] o primeiro e o principal de todos os pecados” (WEBER, 2010, p. 86) extrapola o âmbito religioso, penetrando e preenchendo a vida social como um todo, passando a ser visualizada, mesmo e principalmente, no modo de vida de pessoas não religiosas,

ganhando ares de um comportamento amplamente vivenciado na sociedade ocidental.

Não se deve olvidar que, ao lado da ascese religiosa, propulsora do processo de desencantamento do mundo, há o estabelecer da Ciência moderna, também como um longo processo histórico-cultural, concomitantemente, à solidificação do desencantamento do mundo pela religião.

Nessa outra perspectiva, o conhecimento empírico-racional, típico do desenvolvimento do processo de desencantamento do mundo pela Ciência inaugura a apoteose da perda de sentido do ser e estar no Mundo, segundo Schluchter, isto é, o domínio da intelectualização e da racionalização (WEBER, 2013, p. 407).

Apenas para fins de delimitação do objeto deste ensaio, dá-se maior atenção ao processo de desencantamento do mundo pela religião, sem olvidar a relevância não menor da Ciência e sua invulgar contribuição para o surgimento da ascese laica. Despida de sua armadura religiosa – a procrastinação dos prazeres mundanos com vistas a demonstrar sua eleição e vocação celestiais – mas, voltada para gerar e sustentar todo um modelo de produção focado na acumulação primitiva do capital e na formação de mão de obra condizente com as exigências desse modelo, a ascese laica também se desenvolveu num processo que ocupou alguns séculos da História.

Dentro desse processo que, para Weber combina “[...] a restrição do consumo com essa liberação da procura de riqueza” (2010, p. 94), a economia (leia-se poupança) dos ascéticos vai possibilitar o surgimento de uma força motriz vinculada à ideia do *self-made-man*, quer como detentor de capital, pois “as restrições impostas ao uso da riqueza adquirida só poderiam levar a seu uso produtivo como investimento de capital” (WEBER, 2010, p. 94) quer como trabalhador liberal ou operário, já que, “o poder da ascese religiosa [...] colocava à sua disposição trabalhadores sóbrios, conscientes e incomparavelmente esforçados, que se aferravam ao trabalho como uma finalidade de vida desejada por Deus” (WEBER, 2010, p. 97).

Recorde-se que Weber pretendia, por meio da descoberta da ascese, estabelecer as afinidades eletivas entre a ética protestante e o espírito do capitalismo (LÖWY, 2014, p. 26), sem dar relevo ou relação de primazia à própria ética em relação ao espírito do capitalismo e vice-versa.

O capitalista geria seus negócios diligentemente; dele não se esperava outra coisa, pois, estava na essência desse comportamento ascético

a disciplina, a cautela, o zelo, que eram muito estimulados socialmente; já, ao operário, ou ao trabalhador liberal, não vinculado a um patrão, mas, imerso no contexto da produção, uma vida discreta, de procrastinação dos prazeres com ênfase na sua vocação para a disciplina, no ganho metódico de valor pela realização bem sucedida do seu mister e na capacidade de adaptar-se às novas formas de produção industrial representavam o norte coletivamente seguido.

E, nesse sentido, pode-se afirmar que o ascetismo foi fundamental para notar que “[...] o modo de produção capitalista não estava se conduzindo em direção à luta de classes aberta e irresistível entre capital e trabalho” (GIDDENS, 1998, p. 83), daí se extraindo que muito embora Weber e Marx não tinham, necessariamente, posições totalmente discordantes, todavia, não as tinham em comum.

Todavia, as semelhanças entre posicionamentos de ambos são passíveis de ser evidenciadas na forma como os autores desenvolvem seus raciocínios acerca da interpretação do capitalismo enquanto um processo avassalador que cunhou boa parte dos regimes de produção e circulação de bens, riquezas e relações sociais da humanidade até alcançar a modernidade.

2 CAPITALISMO E GLOBALIZAÇÃO: A ASCESE ATUALIZANDO-SE

O processo de acumulação primitiva de capital, racionalmente orientado pela poupança, fruto das ascèses religiosa e laica possibilitou o surgimento, em maior ou menor escala em vários países, de um modelo (regime) de produção único no Ocidente. O chamado capitalismo moderno tem como tributário de seu surgimento e expansão a operacionalidade da ascese não apenas em possibilitar a poupança necessária aos investimentos, como, também, a forja de uma estrutura laboral – cadeia produtiva, dentro e fora das indústrias – voltada para assegurar o sucesso da implantação e subsistência do modelo.

Nesse sentido, as exigências relacionadas à disciplina e ao controle rotinizado do tempo, à própria criação dos maquinários e ferramentas destinados à mecanização industrial, projetos, plantas de fábrica, culminaram no que se chamou, muitos anos mais tarde, de modelo *fordista-taylorista*, atualizado e reengendrado pelos japoneses no século passado para o modelo *toyotista*.

Seria pouco imaginável o *just-in-time*¹, o *kaizen*² das indústrias modernas sem essa disciplina, sem esse *leitmotivo* que bebeu das águas da ascense, esta mesma, atualizada durante seu processo de despregamento da religião para a laicidade e que precisa encontrar novas formas de atualização para continuar assegurando a subsistência do modelo.

Para melhor explicar isso mister atender para o fato de que não se teria condições concretas para criar e operar todo um sistema produtivo que trabalha com *lay-out*'s específicos do maquinário e seus operadores, com medições e previsões dos níveis de fadiga (ferramental, humana e robótica, por último, na atualidade) e com as possibilidades e oportunidades efetivamente esperadas e calculadas com a maior exatidão possível para reposição dos estoques de insumos e mão-de-obra (aqui adota-se o conceito de que também a mão de obra é fixada pelo capitalismo como insumo e se torna parte da rotina, da calculabilidade) e o incentivo à adoção de processos que possam representar economia de tempo, metricidade, sem a introjeição da ascense que se portou como o grande tom do espírito capitalista.

Apenas diante das condições de concretização geradas pela ascense laica, isto é, um modelo comportamental coletivo, impregnado na sociedade, como um todo, que privilegia a economia de esforços, a exata racionalização e rotinização do tempo (incluindo, até mesmo, aqueles períodos dedicados a descanso dos agentes – industriais, industriários e trabalhadores liberais, devido às previsões de fadiga que a racionalização contábil detectava) é que se pode visualizar o surgimento e o desenvolvimento do capital industrial nos moldes ocidentais.

Entretanto, para que o modelo capitalista subsistisse, necessário se fez sua acomodação no tempo e espaço. Não se pode esquecer que o Século XX foi, quiçá, um dos mais turbulentos da História, com o *crack* da Bolsa de New York, em 1929 e as experiências de duas Grandes Guerras Mundiais no intervalo de menos de três décadas. Na verdade, haveria de se falar em acomodações, no plural, vez que, após essas experiências nevrálgicas, surgem os fenômenos mais intensos para por à prova o capitalismo, no final do Século XX – a Globalização e as modernas revoluções industriais.

Evidencia-se, aqui, que a Globalização não existe de per si e se encontra isolada no Mundo. Com efeito, embora ela não seja a causa, tem

¹ *Just-in-time*: modelo industrial em que se procura minimizar ao máximo o estoque por meio de políticas e procedimentos racionalmente orientados e baseados em estatísticas de consumo e projeções de crescimento ou decréscimo do mercado.

² *Kaizen*: processo originariamente empregado pelos japoneses e destinado a possibilitar que uma mesma ação possa sempre ser revista e melhorada em qualquer nível.

parte na pós-modernidade; é importante que este posicionamento reste claro, a fim de que não se confundas a ideia de que o pós-modernismo é uma revolução mais ampla, cultural, econômica e socialmente, do que se possa destacar com a restrição apenas ao fenômeno da Globalização. Obviamente, se poderia até afirmar que a Globalização não é causa, mas, efeito da pós-modernidade.

Nessa perspectiva, qualquer tentativa séria de se entender a Globalização deve partir, necessariamente, do estudo da pós-modernidade. E este fenômeno, conceitualmente falando, reporta a uma determinada forma de progresso que “abalou estruturas sociais cristalizadas e varreu rotinas e referências estabelecidas” (FRIDMAN, 2000, p. 10).

O abalo citado diz respeito às dificuldades de se visualizar – e, portanto, de se conduzir – dentro desse espectro pós-moderno, em que a Globalização talvez seja apenas o fenômeno mais visível (embora não necessariamente o mais palpável) dentro das estruturas sociais vertiginosamente apresentáveis. Esse fenômeno foi agravado pelas novas revoluções industriais.

As sociedades contemporâneas iniciaram uma luta pela compreensão – e, quiçá, pelo domínio – dos fenômenos pós-modernos, incluindo a Globalização, com vistas a tentar acompanhar seu trânsito, como a uma busca pela compreensão do que esteja, efetivamente, ocorrendo na atualidade. Vertigens, portanto, guardam estreita relação com a pós-modernidade e, dentro desse contexto, com a Globalização:

Afinal, o que de fato está ocorrendo, como alerta o poeta a um certo Mr. Jones? Enormes mudanças no dinamismo institucional e nas bases de reprodução do sistema, atingindo as esferas da economia, da cultura, da política e da subjetividade. Se não delineaia uma nova ordem, esse conjunto de fenômenos provoca alterações de tal magnitude que solicitam considerações e teorias compatíveis com esse transtorno das formas da vida social. (FRIDMAN, 2000, p. 15)

Talvez um dos principais efeitos da Globalização seja sobre a certeza; a certeza de que nada será como antes – daí, acertadamente, se verberar sobre vertigens. Há novas dimensões de tempo, graças ao incremento da rede mundial de computadores – de espaço, vez que, a Globalização faz com que os mercados se comportem tendo por paradigma outros contextos que envolvem até mesmo, a quebra das noções de Estado e soberania – de cultura, pois, o fenômeno possibilitou a disseminação e a troca incontrolável de hábitos diversos e costumes por todo o Mundo – de

comunicações, pois, com o acesso ao e-mail, redes de teleconferências, banalização do uso de aparelhos celulares e novas tecnologias de TI, uma nova forma de se enxergar o tempo foi inaugurada. Fruto dessas exigências de atualização tem-se as duas últimas revoluções industriais.

Nessa perspectiva o capitalismo precisou se atualizar e, conseqüentemente, diria, a ascese que suporta o espírito do capitalismo, também, inexoravelmente. Como visto alhures, a ascese laica se desprendeu da religiosa em algum momento (na verdade, houve um processo de despregamento entre os Séculos XVII e XIX), tendo se fortalecido a partir da fixação coletiva de uma ideia elementar: a procrastinação do gozo e de qualquer obstáculo que pudesse atravancar a poupança e a rotina de frugalidades, comedida, disciplinada, voltada ao labor, das pessoas.

Nesse sentido, poder-se-ia afirmar que a própria ascese laica se atualizou durante o lento processo de despregamento da religiosa. Sendo assim, seria natural esperar que a ascese viesse a atualizar-se em virtude da necessidade de sua adaptação diante da pós-modernidade e dos efeitos da Globalização. Viu-se que a rotinização, a calculabilidade, o metodismo (não no sentido religioso do termo, mas, mirando à sua tecnicidade) forjaram, a partir da ascese laica, as vias de instrumentação do capitalismo ocidental.

A rotinização do tempo, em sua forma mais plena, envolvendo não apenas o tempo útil de labor, como, também, os períodos de descanso (como exemplo, a semana inglesa), férias, feriados, possibilitou o desenvolvimento de uma teoria contábil aplicada ao desenrolar da vida humana (podemos citar, aqui, as previsões sobre vida útil média das pessoas, desenvolvidas por quase todos os países no Mundo, com efeitos sobre idades-limite para aposentadorias).

Assim, dentro da lógica ascética do regime de produção capitalista ocidental, principalmente, empresários, industriais, operários de quaisquer escalões e trabalhadores liberais tinham condições bastante elementares para programar suas vidas³, desde a educação formal para ingresso no mercado de trabalho, tempo útil de vida laboral, aposentadoria, novos projetos etc. (SENNETT, 2006, p. 29). Previsibilidade se tornou uma questão de ordem nesse contexto.

Entretanto, a nova lógica imposta pelo novo capitalismo, pós-incremento da Globalização evidencia uma “energia instável”, como relata Sennett (2003, p. 24), apresentando vários efeitos não condizentes

³ Entende-se que a dita “instabilidade” que muitos apregoam sobre a essência do capitalismo seja, na verdade, parte da lógica rotinizada do regime de produção capitalista ocidental; nesse sentido, teríamos uma instabilidade calculada e gerida pelo próprio sistema.

com a lógica do comportamento ascético e o espírito do capitalismo: o fim do emprego vitalício, carreiras que se iniciam de uma forma, mas, surpreendentemente, derivam inúmeras vezes durante seu percurso, sem uma possibilidade de previsão sobre como e se irão terminar, a incerteza sobre a existência ou a duração dos programas estatais de previdência, a busca por resultados em curto prazo, a prática de uma política de total ausência de lealdade dentro e fora das instituições, enfim, a lógica antes calcada na regularidade (calculabilidade) está deixando de existir (SENNETT, 2006, p. 30-31).

Daí ter se tornado extremamente necessário que a própria ascese se atualizasse, pois, se em sua concepção original a ideia de procrastinação do gozo como modo de vida, do império da gratificação sempre procrastinada, com a quebra da estrutura burocrática doméstica (empresarial-militarizada) que regeu as relações pessoais e comerciais nos Séculos XIX e XX, principalmente, o novo modelo capitalista ocidental está a exigir uma nova ascese – e, igualmente, um novo “espírito” para si.

O universo organizacional, segundo Sennett, se tornou flexível (2003, p. 49), imprevisível e, muita vez, paradoxalmente, pouco ou nada coerente. Obviamente, essas qualidades contemporâneas revelam-se bastante incompatíveis com a arquitetura de vida engendrada pela ascese durante os séculos predecessores. Não se trata, apenas, de virar uma página, mas, de uma profunda e radical conversão (para usar um termo da Reforma Protestante) do e no sistema; daí, Sennet afirmar que a nova página não está em branco (2006, p. 49).

Há, sim, um novo capitalismo, possuído por um “espírito” diverso e que traz consigo uma própria ascese, que merece estudos e investigação, sim, tendo como ponto de partida a aplicação da teoria dos tipos-ideais de Weber. Observa-se uma inversão da lógica de acumulação de capital contínua com previsão de lucros em longo prazo; evidencia o novo capitalismo uma lógica própria, coerente e consistente com o imediatismo, a busca pelo retorno rápido e, de certa forma, com a tônica que parece inverter toda a lógica da ascese laica, não aceitando a procrastinação do gozo.

3 UMA NOVA ASCESE (?)

Afirma-se que o novo modelo capitalista exige um novo “espírito” e uma nova ascese. Como se poderá atender a esses reclamos

sem desnaturar o conceito original, cunhado por Weber, a partir dos seus estudos sobre os efeitos sociais das religiões e economia?

Um ponto nodal para deslinde desse problema pode ser encontrado em separar pontos de destaque que se evidenciam no novo modelo: fluidez, imediatismo, poucos níveis hierárquicos estruturais, imprevisibilidade das relações sociais, laborais, de previdência, meritocracia fundada muito mais na aparência do que no conteúdo dos projetos.

Chamar-se-á a essa nova forma, atualizada, de ascese resiliente. Não num sentido teológico ou religioso, mas, buscando dar-lhe uma conotação secular a partir do calvinismo. Veja-se: a grande pedra-de-toque da ascese pode ser resumida pela expressão procrastinação. É a capacidade inicial do protestante de retardar todo o gozo, benefício, recompensa que lhe era de direito para um futuro sempre distante que cunhou a ascese, pela qual se impunha um modo de vida absolutamente modesto, frugal, livre de vícios, de prazeres, o abandono dos sentidos. Isso revelava o eleito, o salvo – de uma salvação que, no fundo, ninguém poderia certificar, exceto o próprio Deus. Assim, a doutrina da predestinação era vivida e suportada e conferia base substancial da conduta ética protestante na vida cotidiana.

Quer-se trazer essa experiência dos protestantes, de efeitos muito intensos sobre a ascese religiosa e que, mais tarde, veio a cunhar a ascese laica para afirmar que a possibilidade de se operar, subsistir, vencer nesse mundo globalizado reside, justamente, na procrastinação.

Não a mesma procrastinação que Weber visualizou nas ascèses estudadas, mas, uma capacidade especialmente desenvolvida para conviver num ambiente hostil, de imprevisibilidades; um mundo totalmente fundado na ideação sobre o incerto, a fugacidade das relações, a fluidez dos sentidos, compromissos e projetos; um mundo cujos horizontes são tão infinitos que aparenta não apresentar nenhum horizonte possível.

O que se vai procrastinar, no novo capitalismo, não é o gozo, mas, o fracasso, ou, melhor dizendo, procrastina-se a sensação de perda pelo desenvolvimento de uma capacidade invulgar de resistência ao insucesso. Insucesso cada dia mais próximo, palpável, habitual e constante na e da existência humana.

A nova ascese (ou, a atualização daquela que deu suporte ao “espírito” do capitalismo durante séculos) deve-se evidenciar numa conduta de vida coletiva que exige das pessoas enfrentarem o dia-a-dia, com todas as suas conquistas e derrotas, gozando ao máximo, sem pudores, imediata e intensamente, seus sucessos (daí uma diferença ante as ascèses religiosa e

laica) e empunhando o escudo da resistência para denotar uma capacidade invulgar de assimilar os fracassos inevitáveis e sempre mais frequentes que os efeitos da pós-modernidade – e da Globalização – oferecem.

A capacidade de resistir e prorrogar as consequências e os efeitos dos fracassos, o imediatismo e a necessidade de não apenas gozar o hoje, mas, sobretudo, gozar pública, ampla e ostensivamente, expondo como que uma projeção de sentidos que faz do sujeito objeto de si próprio, espetacularizando não somente os raros sucessos, como, também, os parcos sujeitos deles, leva a criar um modelo não-inato forjado a partir dessa resiliência.

Note-se que essa nova ascese conserva muito dos traços da ascese laica. Mas, numa comparação por contraste, evidencia-se sua principal diferença que reside no fato de se trabalhar com a ideia de que não se posterga o gozo, absolutamente, mas, a sensação de perda, que marca os derrotados, originária dos fracassos, constantes, inevitáveis, sistêmicos e crescentes para o novo capitalismo e que são exponencialmente agravados pela condição de risco inerente aos processos fragmentários⁴ impostos pela Globalização.

O que se vê, por Sennett, é a democratização dos riscos, pois “a disposição de arriscar, porém, não mais deve ser domínio apenas de capitalistas de risco ou indivíduos extremamente aventureiros (SENNETT, 2012, p. 90).

Exige-se “[...] uma força de trabalho que se adapte às inovações frequentes e não encare o trabalho do ponto de vista da estabilidade das carreiras ou dos laços contínuos e duradouros com tarefas e companheiros” (FRIDMAN, 2000, p. 16).

Cria-se um novo modelo de proletário: trata-se de um ser que seja capaz de negar o paradoxo de sua própria condição existencial fundada na falibilidade humana para aceitar, de bom grado, outro paradoxo: uma vida absolutamente intensa imediatista se projetos perspectivas ou previsões de longo prazo e que cobra um preço bastante elevado pela exigência do gozo espetacularizado e de sucessos medíocres elevados ao status de grandes conquistas, ao mesmo tempo em que os fracassos rotineiros deve ser assimilados.

Como não se enxerga, mais, uma estrutura piramidal que ofereça algum conforto (e, de certa forma, previsibilidade nas relações), mas,

⁴ Condições e efeitos que a Globalização é capaz de gerar e que conduzem as relações sociais para extremos ainda mais marcantes: volatilidade do capital, dificuldades das economias dos países acompanharem seus efeitos, exigências de adaptação impossíveis de serem cumpridas, relativização de direitos, exclusão social etc..

antes, criam-se estruturas pouco ou nada sólidas, baseadas muito mais nas imagens gestadas e vendidas do que, efetivamente, no conteúdo que lhes dá suporte e, tendo em vista a ideia motriz no novo capitalismo de que o importante é captar lucro, independentemente, da real solidez das empresas nos mercados, nota-se, aí, uma certa espetacularização do capitalismo ocidental (DEBORD, 1997, p. 16-17).

Essa espetacularização tende a referir imagens nem sempre condizentes com a realidade de vida; imagens que podem se traduzir em vertigens as quais se apresentam como um paradigma social que envolve os atores sociais numa membrana ecotoplasmática de engodo cujo objetivo maior é assegurar um dever-ser que não é ser; um ser enquanto nada é; um nada que busca revelar tudo; um tudo que não passa de pura vertigem.

Nessa perspectiva, não somente o espetáculo se dirige e é dirigido pelo capital, como, também, faz exigir que as pessoas em geral se comportem de forma espetacularizada, isto é, vendendo uma imagem de vencedoras, ainda que a concretude da vida lhes ofereça e imponha muito mais fracassos do que sucessos. Vê-se, aqui, claramente, a “falsificação do mundo através da mídia e a substituição das vivências diretas dos homens pela condição de espectador, pelo consumo passivo de imagens” (FRIDMAN, 2000, p. 24).

Nesse sentido, o sucesso reside em esconder os fracassos por meio da criação de imagens que atraiam a atenção para o mito muito mais do que para a realidade de vida. A mitificação se enraíza na prática permanente e habitual da espetacularização ascética. E, essas imagens, certamente, só podem ser atingidas com a prática constante, duradoura, diuturna, de um modo de vida introjetado e capaz de lançar ao longe a sensação de perda, de derrota; eis, aí, a resiliência pragmática enquanto ascese afirmada no início do tópico.

Daí, porque, o gozo pelas conquistas mais comezinhas, corriqueiras e mais, o gozo público, publicizado, espetacularizado, ganha destaque, pois, é ele que oferecerá à sociedade a imagem que se pretende ver “vendida”, o “selo do eleito”, ou, a “certeza de salvação”, numa má-comparação com a ascese original: o vencedor, aquele cujo nome está sobre todos, cuja vida representa o modelo ideal de sucesso e que faz desses raros momentos a mágica de eternizá-los em imagens e frases de efeito.

Talvez isso explique o porquê de muitas empresas modernas terem inserido em seus processos seletivos pesquisas em redes sociais dos candidatos a emprego, bem como, a sugestão dos gurus do RH para que as

peças inseridas em seus currículos e propostas de emprego participações em projetos sociais, redes de solidariedade, voluntariado etc., além de se criar uma nova frente de empregabilidade: expertos na construção e reconstrução da imagem pessoal e de carreiras profissionais.

Isso tudo “vende” a imagem de pessoas e instituições; num certo sentido, espetaculariza-as, criando “[...] uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p. 14). Imagens forjadas a partir de contextos nem sempre reais, nem sempre factíveis e muita vez distorcidas pelo apelo à vida de espetáculos em detrimento do espetáculo da vida.

CONCLUSÕES

De todo o articulado é possível destacar que a ascese ocupa um lugar muito relevante na tentativa bem sucedida de Weber em explicar o surgimento do capitalismo moderno, calcado na acumulação primitiva de capital, fruto de um modo de vida principiado de forma religiosa e que, em algum momento, as partir de um longo processo, atualizou-se para ganhar as cores da laicidade, ou seja, um tipo ideal ascético, capaz de atualizar-se. Nessa perspectiva a pós-modernidade trouxe consigo um novo momento na História, no qual a Globalização comparece como um dos seus fenômenos (não o único) e hábil a exigir uma atualização da ascese para a subsistência do modelo capitalista, inclusive e principalmente; essa atualização pós-moderna da ascese oferece uma inversão parcial se comparada por contraste com as asceses anteriores (religiosa e laica), uma vez que seu mote também é revelado pela expressão “procrastinação”, mas, com uma profunda alteração no que pertence ao gozo.

A nova ascese exige a fruição imediata dos prazeres e prêmios alcançados pelo sucesso efêmero (muita vez), não se admitindo a prorrogação disso; o que se procrastinará é, antes, a sensação de perda, originária dos inevitáveis e sempre mais constantes fracassos. Todo o modelo vende-se a si próprio sob a roupagem imagética de um sucesso que, aparentemente, nunca finda e que se impõe como um espetáculo a que todos podem ter acesso.

Diante da necessidade de que a nova ascese, aqui denominada ascese resiliente, seja o instrumento hábil a assegurar o fundamento do “espírito” do novo capitalismo, pós-moderno, entra em cena a espetacularização das relações sociais, centrada no uso – e abuso – de imagens, pelas quais se pretende “vender” o *status* social de sucesso que seria a *certitudo salutis* da nova ascese no que respeita à comprovação

social do êxito na trama contemporânea do novo capitalismo. Essa dita espetacularização da vida social torna vertigens em imagens e vice-versa criando um paradoxo existencial singular para os atores sociais que são forçados à adaptação a um mundo em que o que é não é e o que foi parece não ter sido; daí a consequente práxis que exige o gozo sempre imediato, fluído e espetacularizado de todos os mínimos e efêmeros sucessos nas mais diversas áreas da vida relacional, principiando pelo trabalho e a sempre constante necessidade de assimilar, aplacar, conviver e ocultar seus fracassos; esses, sempre muito mais constantes e duradouros que os sucessos.

REFERÊNCIAS

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FRIDMAN, L. C. **Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

GIDDENS, A. **Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo**. Tradução: Cibele SalibaRizek. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LÖWY, M. **A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano**. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.

PIERUCCI, A. F. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. 3. ed. São Paulo: USP, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/Editora 34, 2013.

SCHLUCHTER, W. **O desencantamento do mundo: seis estudos sobre Max Weber**. Tradução e apresentação: Carlos Eduardo Sell. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

SCHLUCHTER, W. **Paradoxos da modernidade: cultura e conduta na teoria de Max Weber**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 2011.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**. Tradução: M. Santarrita. 1. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

SENNETT, R. **A cultura do novo capitalismo**. Tradução: C. Marques. Rio de Janeiro: Record, 2006.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução: M. I. Q. F. Szmrecsányi; T. J. M. K. Szmrecsányi. 2. ed. revista. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

WEBER, M. Ciência como vocação. *In*: BOTELHO, A. (org). **Sociologia essencial**. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2013, p. 392-431.

WEBER, M. Reflexão intermediária: teoria dos níveis e direções da rejeição religiosa do mundo. *In*: BOTELHO, A. (org). **Sociologia essencial**. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2013, p. 506-552.